



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO- PGFILE**

SOLANGE ALVES DE ALMEIDA

**EDUCAÇÃO HUMANISTA NAS TESES DE JEAN PAUL SARTRE NO LIVRO O
EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

SOLANGE ALVES DE ALMEIDA

**EDUCAÇÃO HUMANISTA NAS TESES DE JEAN PAUL SARTRE NO LIVRO O
EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso- Monografia-
apresentado ao Programa de Pós Graduação
em Filosofia da Educação- PGFILE- UEPB-
como requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Professor Dr. Antônio Carlos de
Melo Magalhães

CAMPINA GRANDE-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A447e Almeida, Solange Alves de.
Educação humanista nas teses de Jean Paul Sartre no livro O existencialismo é um humanismo [manuscrito] / Solange Alves de Almeida. - 2016.
47 p.

Digitado.
Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães, Filosofia".

1. Educação. 2. Humanismo. 3. Sartre. 4. Capital. 5. Sociedade. I. Título.

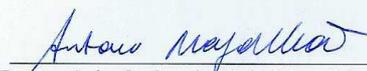
21. ed. CDD 109

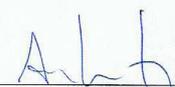
SOLANGE ALVES DE ALMEIDA

Educação humanista nas teses de Jean Paul Sartre no livro *O existencialismo é um humanismo*

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovado em 24/08/2016.


Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho ao Deus que dissipou as trevas, trouxe flores e luz, e está sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, socorro bem presente na hora da angústia, a minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, a esta instituição pelo excelente ambiente oferecido seus profissionais especialmente a Kallina Jales que com todo carinho e paciência sempre me recebeu e me ajudou quando precisei dela na secretaria a você meu muito obrigado.

Ao meu Orientador Professor Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães, há pessoas que marcam a nossa vida, que despertam algo especial em nós, que abrem nossos olhos de modo irreversível e transforma a nossa maneira de ver o mundo, você foi uma dessas pessoas, Os seus ensinamentos foram muito além dos conteúdos do currículo, Tive aprendizados importantes para a vida, a sua missão vai muito além da missão de um professor, você sabe despertar a admiração de um modo único, e se tornou uma inspiração para mim.

Ao Professor Dr. José Arlindo Aguiar Filho pela compreensão, apoio, incentivo constante e principalmente pelo carinho nos momentos em que a tarefa parecia grande, pesada demais, quase impossível, muito obrigado pela sua dedicação, paciência e carinho ao lecionar, incentivar e mostrar o caminho correto pra segui a diante, a você muitíssimo obrigado.

Ao Professor Dr. José Nilton Conserva de Arruda pôr seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das supervisões das minhas atividades na academia, quando se para pra pensar na vida, são pessoas como você que nos mostram o quanto é importante sonhar sem esquecer a realidade, a vocês é um prazer tê-los na minha banca examinadora.

Por fim a Professora Dra. Maria Simone Marinho Nogueira Talvez não existam palavras suficientes e significativas que me permitam agradecer você com justiça, e com o devido merecimento, Sua ajuda e seu apoio foram para mim de valor inestimável, mas é tudo o que me resta, apenas posso me expressar através da limitação de meras palavras, e com elas lhe prestar esta humilde, mas sincera, homenagem, Muito obrigado!

A primeira meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas; homens que sejam criadores, inventores, descobridores.

(PIAGET, Jean)

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

(MANDELA, Nelson)

RESUMO

Neste trabalho falaremos inicialmente dos dois tipos de educação, depois introduziremos alguns conceitos importantes a respeito de como se opera a consciência coletiva, a moral, a ética, o papel da educação em tudo isso, e principalmente como o sujeito torna-se capaz de diferenciar-se e desprender-se da homogeneidade pelo acúmulo de capital, ou seja, através da busca de educação informal pautada na cultura, na socialização e na luta pela melhora econômica para dar-lhe maiores oportunidades. Após isso apresentaremos a visão de Sartre sobre o homem e conseqüentemente o local que ele atribuiu a educação em relação a formação do ser, no entanto, ao primeiro olhar tal exposição parecerá idealista visto o sistema que vige, porém, isto terá maior sentido quando colocado sobre o prisma correto, dando margem a uma visão inovadora que poderá se tornar real com a ascensão de um líder verdadeiramente altruísta que será capaz de abrir mão do grande poder que detém para implementar um modelo de educação que se contrapõe ao existente agora, e que proporá a libertação das ideias nos moldes a que Sartre se refere, ou seja, com a capacidade do homem de se auto instruir, e fazer dele mesmo um projeto a se realizar pelo que acredita melhor para si, porém com responsabilidade por todos direcionando de fato seus atos para o bem, trazendo a concretude à educação humanista.

Palavras-chave: Educação, humanismo, Sartre, capital, sociedade.

ABSTRACT

In this paper we shall speak first of the two types of education, then we introduce some important concepts about how to operate the collective consciousness, morality, ethics, the role of education in all of this, especially as the subject is able to differentiate if and detached from the homogeneity of capital accumulation, ie, through the pursuit of informal education based on culture, socialization and in the struggle for economic improvement to give you more opportunities. After this present Sartre's view of man and consequently the place which he attributed to education regarding the formation of being, however, at first glance this exhibition seem idealistic seen the system that prevails, however, this will have greater meaning when placed on the right prism, giving rise to an innovative vision that could become reality with the rise of a truly selfless leader who will be able to give up the great power that has to implement a model of education that is opposed to the existing now, and propose the release of the ideas in the manner to which Sartre refers, that is, the ability of man to self-educate, and make himself a project to be held for what he believes best for you, but with responsibility for all targeting of indeed their acts for good, bringing concreteness to humanistic education.

Keywords: Education, humanism, Sartre, capital, society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONCEITOS INTRODUTÓRIOS	13
1.1. EDUCAÇÃO	13
1.1.1. Educação Formal	14
1.1.2. Educação Informal	14
1.2. DIALÉTICA	15
2. O HOMEM COMO SER SOCIAL E OS MECANISMOS ESTATAIS DE COESÃO	16
2.1. DIVISÃO DE TRABALHO E CONSCIÊNCIA COLETIVA	17
2.1.1. Moral e Ética	19
3. CONSCIÊNCIA COLETIVA, EDUCAÇÃO E DESPREENDIMENTO	20
3.1. CICLO DE PODER	23
4. SARTRE E O HUMANISMO	24
4.1. SARTRE, KANT E O IDEAL VS. REAL	28
4.2. VENDO SARTRE SOB CORRETA PESPECTIVA	30
4.3. A ÉTICA E A IMPORTÂNCIA DAS ESCOLHAS DO NOVO LÍDER	31
5. EDUCAÇÃO DOGMÁTICA VS. EDUCAÇÃO HUMANISTA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Pelo seu papel de extrema importância, a educação é um tema sempre atual e que necessita de constante reflexão, de fato o assunto tem fundamental importância, visto que educar é construir o ser humano, nas suas mais detalhadas complexidades. Temos que, a educação não se restringe àquela dada formalmente nas instituições de ensino como a escola, a faculdade, e outras similares, mas em toda atividade de formação social, cultural, laboral e de imitação.

Como a sociedade se compõe de homens que fazem regras, a sua regência e direcionamento, a construção do ser humano, que se dá massivamente pela educação, é de importância não só individual, mas geral, isto porque aqueles que se erguerão na educação hoje estabelecida serão os que farão o futuro da sociedade para o bem e para o mal.

Pensar sobre a educação e pautar os meios de aplicá-la é um exercício filosófico cíclico, devendo ser desenvolvido de forma dialética, já que, como pensava Platão, este é o único caminho para encontrar o verdadeiro conhecimento, ainda, quando aplicamos o conceito hegeliano de dialética ao ciclo reflexivo, vemos que com as mudanças do mundo a nossa síntese, que veio da superação da nossa tese e antítese, tornar-se-á obsoleta pelo passar do tempo, demandando, assim, uma nova tese a ser refletida e novamente superada, isto para que, pela educação, possamos construir seres adequados a sociedade vigente ou com capacidade de mudá-la.

Dito isto, fica claro que o debate em torno do tema não é despropositado, mas de importância nuclear, influenciando ou sendo influenciada por todos os outros estudos de mundo em que possamos depositar nosso foco.

Assim sendo, temos, desde os primórdios da filosofia greco-romana até o início da Sociologia moderna, vários pensadores que passaram ou dedicaram sua vida ao tema, dando origem a diversas correntes que se opõem e se completam a respeito da educação, neste estudo, no entanto, nos ateremos a visão sociológica e filosófica que influenciaram e rodeiam a visão trazida por Jean-Paul Sartre, pensador base de nossa análise aqui apresentada, ou seja, focaremos em Sartre mas trataremos também diversos outros pensadores que ajudaram o pensamento a evoluir, deste modo utilizaremos também Durkheim, Foucault, Bourdieu dentre outros, cujas

contribuições farão saltar ao leitor um claro caminho introdutório ao cerne da questão que aqui será trazida: A educação humanista a partir de Sartre.

É necessário que se dê essa explicação porque as exposições Sartrianas se relacionam finamente com a educação humanista, que por sua vez, nada mais é do que a síntese do idealizado para combater uma constante alienação, que, apesar das trocas de poder, se repetem. Sartre tem em sua teoria um grande empoderamento do ser humano e lhe dá liberdades que se limitam somente pela imitação dos exemplos dos outros seres humanos.

A visão da autoeducação que vemos em Sartre e o papel que este pensador confere ao ser humano por vezes se assemelham a Kant no que se refere a moral necessária para que o homem não se aproveite do homem, assim, ambos os autores depositam uma responsabilidade grande sobre o sujeito, o que por vezes não corresponde à realidade.

Sartre em sua teoria ainda revela um pouco mais de percepção em relação a isto, pois responsabiliza os seres humanos pelos bons e maus exemplos, ressaltando que a falta de responsabilidade de um indivíduo faz com que um traço ruim fique a disposição de todos os outros para que optem por imita-lo, assim o próprio ser humano macula a sua pureza ao tomar um mau passo.

Embora Sartre guarde maior percepção com o real por conta desse ponto a que insere em sua teorização, seu pensamento possui mais proximidade com aquele que consegue se desprender da massa do que com a maioria dos indivíduos que, infelizmente, continuam presos sobre a manobra da consciência coletiva.

Inicialmente temos que o citado autor consegue ser aplicado em Bordieu, isto em razão de o acumulo de capitais está disponível para todos, embora seja mais fácil que aqueles que vêm de uma família que já tem certo acúmulo diferenciado consigam desprender-se, isto porque, estas famílias podem oferecer a prole maior contato e gosto por atitudes que tenham a capacidade de proporcionar capitais elevados.

O ensino pela família é o primeiro passo, e isto é sublinhado por todos os teóricos, por exemplo, Durkheim põem a família como instituição social primeira, assim como Sartre ressalta o poder da imitação, mas o pensador que melhor explica tal coisa em seu pensamento, e que pode ser aplicado com excelência, é Jung, que ensinou em sua psicopedagogia da educação que o homem passa pela educação da imitação em primeiro lugar por conta de sua família e daqueles que o cercam,

depois tem a educação coletiva, que é a adquirida pela consciência coletiva, na escola principalmente, através no sistema já vigente de uma educação dogmática que repassa os conceitos já estabelecidos e, vê isso como razão, determinando que este é o modo de obter a verdade, pois deseja a crença numa verdade mastigada, massificada, e por fim, temos a educação individual, que é a disposta por Sartre e a que se deseja inserir em uma educação humanista, é nesta fase educacional que o homem tem a possibilidade da busca dos acúmulos de capitais, de construir-se e enriquecer-se por uma educação escolhida por si mesmo.

O sujeito desprendido que consegue mudar suas ações agindo por uma ética própria, pautada na sua própria interpretação do certo e errado homogêneo, aquele que tem a possibilidade de criar uma nova moral, também é aquele que pode fazer a grande escolha de desconstruir com a moral vigente, e dar a possibilidade a todos os seres humanos de mudarem a sua ética, escolherem a sua moral, romper, portanto, com a massificação e, o mais importante, tornar o sistema humanista de educação a regra.

Isto porque a liberdade tem também de ser aprendida para ser responsabilmente exercida, para que possamos ter seres humanos que pautem sua ética em uma moral diferenciada, mas que conservem a responsabilidade por si e pelo outro, ou seja, que mesmo em liberdade mantenha-se a união porque ainda haverá necessidades inter-relacionadas entre os indivíduos, isto pelo fato de que a divisão do trabalho não será revertida, as teias sociais ainda existirão, farão parte da evolução e devem ser usadas de forma voltada para o bem, excluindo a exploração para dar lugar a real solidariedade.

Quando um dos novos líderes finalmente se desprender do principal que é o egoísmo e competitividade frente ao poder, quando este líder não ceder a tentação de exercer tal poder, abrindo mão dele em favor da liberdade de todos, então poderemos dizer que atingimos o ideal de Sartre e veremos um novo molde de educação ser implementado.

A tão aguardada educação humanista permitirá a construção libertária do ser, que poderá direcionar sua educação para suas paixões e interesses, aprendendo desde a tenra infância que pode escolher que pode construir suas habilidades e direcioná-las tendo para si um projeto de vida que independe de uma determinação social.

Para dar vazão a essa apresentação organizamos esse trabalho da seguinte maneira: Cinco capítulos principais – Conceitos Introdutórios; O homem como ser social e os mecanismos estatais de coesão; Consciência coletiva, educação e desprendimento; Sartre e o Humanismo e; Educação Dogmática vs. Educação Humanista.

Nos conceitos introdutórios, nosso primeiro capítulo, trazemos explicações vistas como essenciais para o entendimento posterior da macro ideia sistêmica que desejamos expor, por essa razão, falamos de educação, base de tudo, e dialética, conceito filosófico de interligação cíclica entre elementos, muitas vezes vistos separados, mas que se relacionam.

No homem como ser social e os mecanismos estatais de coesão, iniciamos a introdução aos elementos que estarão presentes, e ajudarão na formação do ciclo do qual falamos, vendo como de fundamental importância diferenciarmos moral e ética e explicarmos que elas também se apresentarão no ciclo a que nos referimos de maneira secundária.

Em consciência coletiva, educação e desprendimento, apresentamos de fato o ciclo do qual falamos, a maneira como o ser humano utilizando-se da educação, com sua ética própria, desprendem-se da massa para encontrar a liberdade individual das escolhas e abrir as portas, dependendo de seu altruísmo, para a mudança de outros, até de todos.

Esquematisado o ciclo básico em Sartre e o Humanismo falamos mais detidamente do conceito do autor sobre o existencialismo, que é um humanismo, e porque ele considera que esta é a maneira correta e ideal ao homem, e quanto idealismo ou realidade estaria nesta teoria, considerando um mundo preso a consciência coletiva de dominação inicialmente, e posteriormente em um mundo liberto.

Para fechamento dessa exposição e o cerne desse trabalho chegamos ao capítulo da Educação Dogmática vs. Educação Humanista, esclarecendo o que seria a primeira e sustentando com argumentos que este é o tipo de Educação que encontramos presente em um mundo sob domínio do poder manipulador do homem sobre o homem, e que a Educação Humanista Sartriana seria o ideal a que devemos implementar em mundo liberto com um líder que seja suficientemente altruísta para promover essa mudança, e as vantagens desse sistema de educação e vivência para todos.

1. CONCEITOS INTRODUTÓRIOS

A sociedade é feita de seres humanos e por eles construída, assim regras e ordens de regência de toda a operação social parte do homem para o homem, deste modo, a educação, fonte de construção do ser, é de extrema importância para todos, pois estes farão o futuro social em que todos estamos inseridos, eles comporão a sociedade em seu melhor e seu pior, assim não é exagerada a quantidade de filósofos, sociólogos e pensadores em geral que se debruçam sobremaneira sobre esse tema que segue objeto de diversas discussões ao longo dos séculos.

Não há como considerar que a educação se restringe a aquela passada dentro das salas de aula, embora esta seja também importante e será abordada detidamente ao longe desse trabalho, mas há ainda educação informal, pela cultura, pela sociabilização e pela imitação.

Antes de iniciarmos a exposição da lógica contida nesse trabalho, faz-se necessário a compreensão de alguns conceitos, e suas abrangências, que nos serão essenciais no entendimento que se quer proporcionar do raciocínio a ser construído no decorrer deste estudo.

Vemos como de fundamental importância apresentar uma visão do sistema que se opera utilizando a educação como forma essencial de mudança de poder e molde de ser humano, ao que pretende manter em coesão para alcançarmos a concepção libertária de uma educação humanista em Sartre, nosso ponto principal.

1.1. EDUCAÇÃO

Immanuel Kant em sua obra Sobre a Pedagogia afirmou que “O homem não é nada além do que a educação faz dele”¹, e de fato é a educação que forma o ser humano e que pode fazê-lo capaz de mudar todos os elementos que o cercam, por isso, dificilmente qualquer coisa que se pretenda realizar passará ao largo da educação, pois ela é um elemento dialético fundamental a qualquer projeto que se intente tornar concreto.

¹ KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Tradução Francisco Cock Fontanella. 3a Ed. Piracicaba, São Paulo: UNIMEP, 2002. Pg 11;

Existem dois grandes grupos em que é possível dividir a educação: formal e informal. A educação, em todas as suas formas, é, portanto, protagonista das relações sociais que discutiremos nesse trabalho, isto porque ela é ferramenta essencial do homem, para moldar, submeter e homogeneizar ou diferenciar, desprender, libertar e modificar, ou seja, é um instrumento social poderoso para muitas intenções como iremos analisar.

1.1.1. Educação Formal

Usualmente quando pensamos na educação, nos vem a mente aquela a que chamamos formal, ou seja, a recebida dentro da escola, universidade e etc, em outras palavras, a que recebemos dentro das instituições sociais tradicionalmente impostas, ou o que Foucault nomeava de instituições formais para o estágio de produção dos corpos dóceis, no entanto, a designação de educação abrange fontes mais diversas de aprendizagem, e também de coerção e controle, são essas que fornecem o que é chamado de educação informal.

Porém, o fato de existirem fontes informais de educação não faz as formais menos importantes, pois é na escola e na universidade que passamos grande parte do nosso tempo, e nelas se encontra a fonte mais regular e massiva de introdução de consciência coletiva, pela qual todos passam obrigatoriamente, por muito ou pouco tempo, mas que é estabelecida como obrigação inevitável a todos.

1.1.2. Educação Informal

Quando Mark Twain, escritor e humorista americano, disse “Nunca deixei que a escola interferisse na minha educação”², ele estava deflagrando não só a vastidão do termo educação mas também a contribuição que a educação informal pode trazer ao indivíduo.

Por contar com fontes mais abrangentes e diversas, - como a família, os amigos, os meios de comunicação, a vivência cultural pelas exposições artísticas, leituras e filmes - a educação informal corresponde a uma fatia muito maior de

² TWAIN, Mark. In: GEROMEL, Ricardo. **Bilionários: O que eles tem em comum além de nove zeros depois da vírgula?** São Paulo: Leya, 2014;

influência sobre o indivíduo, embora, muitas pessoas e pensadores deem valor exacerbado ao diploma frente as outras formas de instrução informal esta será tão importante e fortemente utilizada quanto a institucionalizada.

1.2. DIALÉTICA

A dialética é muito utilizada para diversos raciocínios e teorias importantes na história do conhecimento.

O termo, que tem origem grega (*dialektke* – arte de discutir e usar argumentos lógicos, por perguntas e respostas), já foi objeto de debate de diversos filósofos e é utilizada para frisar a inter-relação entre pontos que podem ser vistos separadamente, mas guardam uma ligação de interdependência entre si que é fundamental para formar um sistema de raciocínio cíclico. O mais importante conceito de dialética encontra-se em Hegel.

Hegel vê a dialética como uma lei que caracteriza a realidade em um movimento incessante e contraditório, ou seja, em um ciclo que movimenta a história humana. O autor divide esse ciclo em três elementos principais, quais sejam a tese, antítese e síntese.

Fazendo uso da seguinte analogia:

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. E essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo. Mas a contradição de um sistema filosófico não costuma conceber-se desse modo; além disso, a consciência que apreende essa contradição não sabe geralmente libertá-la - ou mantê-la livre - de sua unilateralidade; nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários.³

O autor esclarece que embora os pontos do ciclo dialético se relacionem, a mente humana tem a tendência de visualiza-los de modo separado, e eles de fato existem em si mesmos, ou seja, eles podem ser compreendidos como unidades,

³ HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. v. 1. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992, p.22.

mas isso não altera o fato de que estão inseridos em uma inter-relação cíclica onde necessitam um do outro para a formação de determinada linha consecutiva.

Como dito anteriormente, a dialética é muito utilizada para diversos tipos de raciocínio, principalmente a hegeliana, que é inclusive meio utilizado para explicar o pensamento filosófico, o qual se exercita sempre pelo despertar de uma ideia, que virá a ser questionada para que então se chegue a uma conclusão deste embate, este produto obtido novamente passará pelo mesmo processo de idealizar, contrapor e sintetizar, em um exercício infundável de reflexão que tenta acompanhar e se adaptar as mudanças do mundo, da sociedade e do próprio pensamento e agir humano.

Há de se ressaltar que, embora a dialética hegeliana trabalhe sempre sobre três pontos, isso não significa, obrigatoriamente, que estaremos trabalhando com somente três elementos concretos, cada membro deste ciclo do qual trataremos poderá ser composto por diversos outros pontos que juntos formam um conceito ou ideia.

Ou ainda, cada um dos pontos presentes dentro do ciclo dialético a que chamaremos principal poderá conter um miniciclo de inter-relação, como vemos, podemos a partir de uma visão simples de três elementos descobrir um complexo de compostos inseridos que o formam. Para as teorias que tentam retratar a vida, a sociedade, e qualquer outro sistema real, esta visão é extremamente válida porque pode trazer à teoria uma visão e consideração completa. O mesmo se aplica ao pensamento filosófico que refletirá sempre uma questão fundamental para o ser humano, advinda da sua vivência, dos seus dilemas, e que apesar de ser vista muitas vezes de forma extremadamente teórica tem ligação direta com a prática, um exemplo disso é a reflexão sobre a educação.

2. O HOMEM COMO SER SOCIAL E OS MECANISMOS ESTATAIS DE COESÃO

Uma das primeiras afirmações encontradas a respeito da sociabilidade do homem está em Aristóteles, porém o filósofo na época tratava da capacidade de comunicar, o que é um início mas não a totalidade do significado desta afirmação, e não é que nos interessa nessa abordagem, pois, de maior relevância para essa explicação se faz a afirmação da sociabilidade do homem a partir da formação da sociedade.

Na antropologia temos a afirmação do início da formação de grupos em razão do homem sozinho temer os perigos externos da época, entendendo como modo de sobrevivência a reunião, o que teria trazido o início do que depois viria a ser o que chamamos de sociedade, já a sociologia resume esse processo na tese dos chamados contratualistas.

A tese do contrato social diz que os seres humanos, entendendo os perigos da época de andar sozinhos, resolvem se reunir, e submetem parte de sua liberdade a um poder centralizado que seria o Estado, para que este lhes dê proteção, isto se faria através de regras, assim surgiria a sociedade, há na teoria de dois dos contratualistas um ponto importante, que é o que o ser humano teria a tendência de se sobrepor sobre o seu semelhante.

Isto não demora para ser notado, pois sob o pretexto da proteção o Estado desenvolve mecanismo para manter os homens em coesão dentro da sociedade, introduzindo nestes conceitos de certo e errado o que lhe são de interesse e tornando todos cada vez mais dependentes um dos outros fazendo da saída de um complexo social algo cada vez mais difícil até se tornar impossível.

2.1. DIVISÃO DE TRABALHO E CONSCIÊNCIA COLETIVA

Durkheim foi o precursor no que se refere a teorização de uma força de coesão social através da educação, ou seja, a inserção de consciência coletiva, e ainda foi o primeiro a falar do sistema de repasse dessa consciência entre os seres humanos afim de manter e fiscalizar está inserção, auxiliando as instituições de controle, ou seja a teia social, e principalmente, como se deu tal teia obrigando a interdependência, que é a divisão de trabalho. Deste modo, compreender os conceitos iniciais que revelam o modo de operação da coesão pela educação dogmática é essencial para alcançar o entendimento da promoção da mudança para a educação humanista. Assim passemos aos métodos de coesão:

O primeiro método de coesão que abordaremos se relaciona ao labor, com o início da sociedade o ser humano que anteriormente era majoritariamente nômade passa ao sedentarismo e a novas formas, portanto, de trabalho. Com a evolução dos tempos começamos a ter produções que demonstram o domínio do homem sobre a natureza, a melhor utilização de matérias primas, elaborações mais complexas e

criação de produtos, no entanto, esse início está relacionado a um individualismo razoável, visto que o produtor é o artesão e domina, assim, todas as etapas de produção, assim, encontramos-nos nessa fase no que Durkheim nomeou sociedade de solidariedade mecânica, onde não há ainda uma interdependência tão grande entre os indivíduos. Com a revolução industrial passamos a ter uma divisão cada vez mais acentuada do trabalho, porque foca-se na produção massiva de produtos, e o método de divisão aumenta sobremaneira a quantidade da produção, isto também torna cada indivíduo um especialista em uma das etapas de produção e retira dele o conhecimento do processo em sua totalidade, fazendo-o dependente de seu colega para formar um produto completo, e ainda para distribuir e vender aquilo, este fato também torna o homem mais social, porque proporciona contato com um número cada vez maior de pessoas, ampliando sobremaneira o que chamamos teia social em relação ao que era, aqui passamos então a uma sociedade de solidariedade orgânica onde tudo funciona como um corpo humano, cujos órgãos dependem um do outro pelo pleno funcionamento do ser como um todo.

Na sociedade de solidariedade orgânica tudo funciona como um imenso efeito dominó, para o bem e para o mal todos estão interligados, e por essa razão é também muito mais fácil manter a coesão e inserir a consciência coletiva. Para entender o que seria consciência coletiva peguemos do início da teoria de Durkheim o que seria fato social:

[...] toda maneira de fazer, fixado ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais.⁴

Temos, portanto, que fato social é uma coisa dotada de exterioridade, coercitividade e de generalidade que é passada a uma sociedade através da educação, formal e informal, transformando assim um conjunto de regras em consciência coletiva.

Consciência coletiva, também um conceito da teoria de Durkheim, é transmitida pelas instituições sociais e, também através das inter-relações de cada indivíduo, que formam uma teia social.

⁴ DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 13;

Uma das instituições sociais apontadas pelo autor é a escola, que é também uma instituição de sequestro, ou seja, na qual as pessoas são socialmente obrigadas a despendem tempo, mas como dito não são somente estas responsáveis por transmitir as regras da consciência coletiva, é vista também como instituição social a família, a polícia, as diversas unidades de trabalho, além disso, existe também a influência e transmissão de consciência coletiva feita pela rede de conexões, inter-relações dos indivíduos, que tendem a serem maiores e com mais ligações em uma sociedade orgânica com maior divisão de trabalho, isto porque a dependência entre os elementos são, teoricamente, maiores como já ressaltado.

Um dos elementos mais abrangentes que pode ser enquadrado como compositora da consciência coletiva é a moral, está possui todas as características de fato social, e é abrangente pelo seu próprio conceito, isto é, porque determina os conceitos de certo e errado.

A consciência coletiva como já ressaltado será inserida na população de uma sociedade através da educação, seja ela formal ou informal, aproveitando-se da teia social existente para maior e mais eficaz disseminação, assim espera-se que todos ajam em sua ética pautando-se pela consciência coletiva moral vigente.

2.1.1. Moral e Ética

Entende-se por moral o conjunto de regras estabelecidas por uma sociedade para determinar o certo e o errado.

A moral visa organizar a vida das múltiplas comunidades humanas, diferenciando e definindo comportamentos proscritos, desaconselhados, permitidos ou ideais. O termo provém do latim *morales*, que significa relativo aos costumes, ou seja, tentam ser repassadas por eles, ou quando modificadas se inserem neles. As leis morais são coletivas e tentam, portanto, ser universais.

Já ética (do grego *ethos* ou *ethike* – que pertence ao bom costume ou relativo a moral), nada mais é que o agir de cada indivíduo de forma a adequar-se com a moral, porém, adaptando-a à situação prática, ou seja, enquanto a moral trata de orientações coletivas, a ética coberta por esse manto moral, ou seja, refletida nessa moral, se liga ao agir individual.

Como vemos existe ligação clara entre moral e ética, enquanto a moral estabelece-se como lei geral a ética traz a mistura entre o agir do próprio indivíduo e aquilo que foi absorvido por este a respeito do passado coletivamente pela lei moral.

Jacqueline Russ, diz-nos que “a ética detém primazia frente a moral, que busca desconstruí-la a procura dos fundamentos ocultos das obrigações e é capaz de fundar e enunciar princípios”⁵.

A afirmação de Russ detém, somente, parcial razão, já que apenas alguns indivíduos são capazes de promover tal desconstrução, ou seja, de analisar os porquês inseridos nas obrigações trazidas pela moral, e por sua visão diferenciada sobre a moral usando a ética como fundadora e enunciadora, assim não há como dizer que existe primazia entre uma e outra, isto porque apesar de a lei moral ter abrangência coletiva está pode e é modificada através da história e reflete na ética dos indivíduos que se encontram sobre seu manto, deste modo o que se pode dizer é que ambas se relacionam em um ciclo dialético que aliás, está diretamente ligado com a educação.

3. CONSCIÊNCIA COLETIVA, EDUCAÇÃO E DESPREENDIMENTO

Somente um ser desprendido é capaz de promover a mudança de uma educação dogmática para uma educação humanista e libertária, assim vejamos como esse desprendimento se constrói.

Como já dito a consciência coletiva é a transmissão de um conjunto de regras através da educação afim de que estas sejam incutidas nos indivíduos, ainda que a moral seja uma regra, ou fato social, transmitida através da educação como elemento da consciência coletiva, esta que intenta ser regra geral homogênea na qual todos, coercitivamente e, até certo ponto, inconscientemente, reflitam seus atos, isto na intenção de garantir a manutenção da ordem e, teoricamente, evitar que um grupo submeta os demais.

Este último, dissemos, teoricamente, porque sempre haverá um grupo que submeterá os demais, o que nos faz refletir que parte da teoria de Kant sobre ética e moral torna-se um tanto ideal, mas não muito prática.

⁵ RUSS, Jaqueline. Ética e Moral: Definições. In: _____. **O pensamento ético contemporâneo**. Tradução Constança Cesar. São Paulo: Paulus, 1999, pg. 7 e 8;

Em seus estudos Kant estabelece que a lei moral é um imperativo categórico, ou seja, é um princípio geral que deve ser cumprido, em razão de ser bom em si mesmo, através de um agir racional onde o dever se sobrepõe a inclinações sensíveis, em outras palavras, onde o agir ético deve ser voltado ao interesse geral e não somente ao individual. Assevera o autor “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”⁶, ou seja, pautar suas ações no modo como gostaria que todos agissem.

Kant ainda assevera que o ser humano deve ser tratado como fim em si e não como meio para quaisquer que sejam os interesses e objetivos a que se almeje, no entanto, como dito anteriormente, as ideias do autor acabam por ser ideais, mas não práticas.

Até esse ponto, pode parecer que a educação só serve para passar a consciência coletiva geral e moral e assim prender o indivíduo a um projeto determinado pelo poder, pautando seus atos, suas concepções e mantendo-os alienados e coesos, mas existe um modo de desprender-se dessa sina de repetição, e a solução encontra-se na teoria trazida por Bourdieu.

O pensamento deste autor é essencial para a compreensão do processo de desprendimento que se pretende explanar e, ainda, reforça a visão ampla que desejávamos destacar no início deste trabalho da educação e sua importância fundamental em todo e qualquer processo social.

Bourdieu desenvolve sua teoria com base em três conceitos principais que se interligam em um ciclo. Tais conceitos são: *campus*, *habitus* e *capital*.

O *campus* conceitua-se da seguinte maneira nas palavras do estudioso Roger Chartier:

os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros.⁷

Ou seja, o *campus* nada mais é que o espaço onde os atores sociais desenvolvem seu embate, onde os grupos formados lutam pelo poder com aquele que já está estabelecido e que no momento detém a capacidade de escolher aquilo

⁶ KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Porto: Porto, 1995, p.59;

⁷ CHARTIER, Roger. **Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes**. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 30 abr. 2002. p. 140;

que será passado aos demais como consciência coletiva, ou seja, as regras que vão passar a valer e ser seguidas pela coletividade.

Segundo a definição clássica dada por Bourdieu deve-se pensar o conceito de *habitus*:

como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes.⁸

Portanto, *habitus* é a capacidade de um sujeito de agir, sentir e pensar conforme a estrutura social em que ele está inserido, ou seja, ter o comportamento e a psique coletiva em si, mesmo que não faça isso de modo consciente, assim, é aquilo que é aprendido e pode ser passado, sendo que, dentro de uma sociedade o *habitus* geral é a consciência coletiva.

O *capital* é a rede interpessoal que cada agente constrói com os benefícios e malefícios que ela pode gerar na competição entre os grupos humanos, o *capital* pode ser de vários tipos destacando-se quatro principais: Social, cultural, econômico e simbólico.

Diz Bourdieu que:

o mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos.⁹

Portanto, o *capital* são os diferenciais que cada indivíduo constrói em razão de seu poder econômico, de suas oportunidades de acesso à cultura, seus conjuntos de relações sociais, ou seja, seus contatos e a legitimidade de todos

⁸ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 191;

⁹ _____. **What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups**. Berkeley Journal 01 Sociology, n. 32, 1987, p. 4;

esses *capitais* e sua união cumulativa que são, em sua concentração, o elemento essencial para tornar-se uma pessoa capaz de desprender-se da homogeneização.

Obviamente, por ser o amontoamento de *capital* diferente entre os indivíduos, os que mais juntarem *capital* terão maior probabilidade de desprender-se da massificação, ou seja, da consciência coletiva, isto se dá porque estes terão uma apreensão diversa do *habitus* geral.

Há de se destacar que embora todos os acúmulos de *capital* sejam importantes não é possível lutar pelo poder sem que haja uma quantidade significativa de *capital social* dentro das habilidades angariadas pelo líder que deseja desafiar o poder vigente para uma luta no *campus*, pois é este *capital* que o tornará capaz de disseminar suas ideias e manter um grupo coeso.

3.1. CICLO DE PODER

Visto isso, vislumbramos o que podemos chamar de ciclo de poder, primeiramente partimos do fato de que sempre haverá um grupo se sobrepondo aos demais, estes usarão da educação formal e informal para transmitir ao restante da sociedade a consciência coletiva, ou *habitus*, com a visão dos valores que eles desejam que vivam, pois estes se alinham a seus interesses.

Aqueles que recebem a consciência coletiva, de forma geral pautarão suas vidas em seguir tais preceitos e refletir seus atos de forma a ter conformidade com as regras da consciência coletiva geral, no entanto, existem entre as pessoas fatores que as diferenciam, e estes estão ligados aos diferentes acúmulos de *capital*.

Quando uma família possui maiores condições financeira estarão, conseqüentemente, diante de maiores oportunidades de ter uma educação formal mais abrangente e com mais qualidade, da mesma maneira, terão acesso a maior oferta de cultura e de relações sociais, possuindo assim, mais oportunidades de frequentar cinemas, ler livros, ir a exposições, viajar e etc, poderão acumular capital cultural em quantidade superior a outros, da mesma maneira, acessando diversos locais e podendo interagir com maior número de pessoas, de tipos e locais diferentes, sua rede de contatos, ou de inter-relações, será exponencialmente maior em comparação aos demais.

Todos esses acúmulos de *capital* proporcionarão a essa pessoa uma instrução diferenciada que fará com que tenha maior capacidade de perceber o sistema de inserção de consciência coletiva e até identificar os atuais detentores de poder, desprendendo-se assim da homogeneidade e dando a possibilidade de que esta desenvolva uma visão diversa da que é passada pelas instituições e pelo senso comum.

Este líder desprendido poderá então repassar a sua visão para outros que pertencem a sua teia social que cuidarão de proporcionarem o efeito dominó para os seus respectivos contatos que farão o mesmo, por isso a importância fundamental do capital social, formando um grupo que passe a ter como regra geral a nova visão de consciência coletiva.

Quanto maior for o grupo com a nova visão passada pelo líder mais chances terá de lutar no *campus* pelo poder e ganha-lo, obtendo o poder, o líder poderá então utilizar-se da estrutura social para disseminar a nova consciência coletiva segundo os seus interesses, está, portanto será a nova regra geral para a sociedade.

Como a moral está dentro da consciência coletiva a ser passada, assim como o modo operante da educação, juntamente com diversas outras coisas, quando há a mudança de interesses ou a mudança do grupo que detém o poder então os conceitos vigentes mudam, e como a moral e o modo de regência da educação são um destes conceitos elas também podem ser mudadas por essa dinâmica.

4. SARTRE E O HUMANISMO

Apresentados todos os conceitos e raciocínios introdutórios que nos permitiram entender o lugar da educação no processo de tomada e troca de poder através dos tempos e, conseqüentemente, o estabelecimento das regras que irão vigor, formando os indivíduos submissos a ela através de inserção de consciência coletiva pela educação, podemos agora passar a visão de Sartre sobre a educação, o que é o cerne desse estudo.

Uma das obras de maior relevância de Jean-Paul Sartre é o livro intitulado “O Existencialismo é um Humanismo”, onde o autor defende a sua teoria, chamada

de existencialismo, contra críticas a ela feitas na época, dizendo que sobretudo o existencialismo é essencialmente um humanismo. Dentro dessa obra Sartre afirma:

o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e quer só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista (Sartre), se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro do existencialismo¹⁰

Essa afirmação parte do fato de que Sartre discorda de um determinismo, assim quando falava das críticas feitas a si pelos cristãos discorda da existência de Deus por estar ligado a Ele a determinação de uma natureza humana, isto porque o autor afirma que a existência precede a essência, em outros termos primeiro precisa existir para depois ser definido, por isso não se pode definir o homem antes de sua existência, assim como não poderia se definir Deus, porque na visão do autor Ele não existiria.

O que Sartre quer dizer com essa afirmação é que na sua crença o ser humano está no comando, e se constrói, se determina através do tempo, assim primeiro existe como ser e depois se torna homem, a construção do ser humano se dá pela educação como já dissemos.

Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade¹¹

O fato de Sartre afirmar essa precedência da existência e depois a vinda da essência também desemboca na afirmação de que as atitudes do homem são determinantes para todos os homens, pois ao exercício que faz o indivíduo de autoconstruir-se ele também constrói o conceito de ser humano, e faz as suas atitudes de exemplo e imitação para outros. A falta de um determinismo amplia não só a liberdade mas também a responsabilidade do sujeito a respeito de suas atitudes.

Podemos aduzir do segundo ponto base apresentado, que o homem engaja-se, e ao fazê-lo não o faz por si somente, mas por todos os homens. Ao refletir sobre

¹⁰ SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um Humanismo, pág. 216

¹¹ SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um Humanismo, pág. 9

isso somos remetidos à questão dos exemplos dados, porque o homem é livre no existencialismo, e a ele apresentam-se uma gama de escolhas, no entanto, dentre essas opções encontram-se as já tomadas por outros seres humanos, ou seja, independente do individualismo, vemos que a imitação é um caminho muito forte, o que demonstra a inter-relação da atitude com o comportamento coletivo.

Isso nos remete a Carl Gustav Jung que em sua psicopedagogia da aprendizagem põe a imitação como forma primeira de aprendizado, o que também se dá no contexto anteriormente apresentado da instituição social primitiva que é a família, pois esta é a primeira composição da teia social de alguém, e lhe transmitira aquilo que em si detém o que no caso será a consciência coletiva homogênea ou os desprendimentos que já carrega em si.

Voltando a teoria de Sartre vemos que o subjetivismo, que quer dizer a não determinação de essência no momento da existência, dando margem a uma finalidade ainda não constituída ou subjetiva, tem dois sentidos:

Ao mesmo tempo em que o subjetivismo significa que o homem se escolhe, e, portanto se constrói para chegar ao que deseja, também significa que toda vez que ele escolhe a si mesmo está escolhendo a todos os seres humanos, porque como se empreende também o faz em relação a imagem do ser humano em geral, aos conceitos da sociedade, aos modos operantes das organizações e da humanidade, por isso as escolhas devem se direcionar sempre ao bem.

O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade¹²

Aqui vemos, o quanto toda a liberdade não é total e completamente livre, pois mesmo na corrente mais libertária de todas ainda existem limitações, mesmo que estas provenham do próprio sujeito ativo, como veremos.

Conseguimos nesse momento construir uma melhor visão deste homem do existencialismo, qual seja um homem sozinho, que detém o controle de sua vida, tendo liberdade para tomar as atitudes que melhor entender, porém responsável não só com o rumo de sua vida, mas também pelo seu exemplo, porque todas as atitudes que tomar irá ajudar a construir o mundo e a sociedade em que vive, assim

¹² SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um Humanismo, pág. 7

como a ideia geral de ser humano, por isso afirma o autor que “O homem está condenado à subjetividade humana. O homem é responsável por toda a humanidade”¹³

Quanto mais liberdade detém o indivíduo, maior seu poder, e na mesma proporção sua responsabilidade, o sujeito torna-se deste modo formador de seu interior e exterior, legislando sobre si e a todos em cada atitude, o que pode trazer um imenso desespero e angustia, pois cada um tem responsabilidade sobre o destino de si e de todos. Tais aspectos dessa corrente a fazem a mais coletiva de todas as linhas filosóficas apesar de seu ponto central ser individual, pois obriga o sujeito a pensar no todo e o responsabiliza pelas falhas deixando-o impossibilitado de reclamar, pois se o fizer estará ofendendo a si mesmo em suas tomadas de decisão.

Sartre pontua, de forma muito interessante, que diante disso, o sujeito que mente para si mesmo, direcionando suas atitudes para o erro, e justificando-se a dizer que nem todos agem como ele, está imbuído de profunda má-fé, pois tem consciência de que suas atitudes levianas estão maculando as outras e contribuindo na formação da sociedade, além de incluir a irresponsabilidade no exemplo, tornando-a opção de imitação.

(...) devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós? E não podemos escapar a essa pergunta inquietante a não ser por uma espécie de má-fé. Aquele que mente e se desculpa dizendo: nem todo mundo faz o mesmo, é alguém que não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira¹⁴

Pois bem, de fato o Existencialismo permite todo um leque de ações, no entanto os limites do regramento estão bastante claros, mas dependem de uma cooperação de todos, uma consciência individual sobre a influência de cada um sobre o todo para de fato ser bem sucedida. Quando observamos falta de regramento, esta corrente o explica pela leviandade de muitos que acaba por corromper a boa condução do todo.

Mesmo assim, não há pessimismo nesta corrente, ao contrário, esta, pode-se afirmar, é a corrente filosófica mais otimista dentre todas, principalmente por não por barreiras para o que o ser humano pode se fazer ser.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

Primeiramente, podemos dizer que existem dois tipos de Humanismo, o primeiro que torna o homem como meta e valor superior, e o segundo que diz que o homem está constantemente fora de si mesmo, e é projetando-se e perdendo-se fora de si que se faz existir, pois não existe outro universo além do universo humano e da subjetividade.

Como podemos ver, a segunda linha é parte da teoria Existencialista, ou seja, o Humanismo está inserido nessa corrente a fazendo também humanista de certa forma. Visto isso fazemos a ligação entre transcendência e subjetividade, o que se pode chamar de existencialismo humanista.

O Humanismo se apresenta no fato de que no pensamento apresentado não há outro legislador se não o próprio homem, que no desamparo decidirá por si mesmo, mas o fará voltando-se sempre para fora de si, vivendo o mundo dos meios, mas buscando fora de si os fins de suas ações.

E o Existencialismo se apresenta na busca em extrair o máximo de uma posição de desamparo do homem, que o põe existente sem essência definida, e aproveita-se do seu desespero original, que é a descrença, para conscientiza-lo da importância de suas atitudes, da sua responsabilidade de si e dos outros, ceifando as desculpas que o acomoda e traz permissivos destrutivos a ele mesmo e a todos os outros.

4.1. SARTRE, KANT E O IDEAL VS. REAL

Agora que conhecemos mais detidamente a visão de Sartre a respeito do homem vemos em seus conceitos um pouco das ideias que também estão inseridos na máxima categórica moral trazida por Kant, pois diz este:

Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua, como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio (...) Age de tal forma que a máxima do teu querer possa valer em todo o tempo também como princípio de uma legislação geral (...) Age sempre de tal modo que o teu comportamento possa vir a ser princípio de uma lei universal.¹⁵

¹⁵ KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Porto: Porto, 1995. pg. 66.

Assim, vemos que ambos concebem uma sistemática para o homem com uma bondade máxima, em uma concepção teórica idealizada, creem que o homem em sua responsabilidade terá e fará o direcionamento de suas atitudes para o bem.

Quando Kant diz que a regra é que o homem não seja utilizado como meio, mas somente como fim e si mesmo ele está crendo na bondade de que homens não farão isto com outros homens, o que ocorre desde os primórdios e vem enunciado dentro dos contratualistas, assim ele crê em uma moral que privilegie o ser, que seja bondosa, mas isso não ocorre porque a moral privilegia em primeiro lugar os interesses do poder e um líder egoísta não é humanista em sua essência.

Apesar de Sartre inserir um pouco mais de realismo em sua teoria, dizendo que o homem se constrói para o bem e para o mal, ressaltando que assim quando comete atitudes que não são voltadas para o bem faz mal a si e a todos dando margem a uma imitação que põe um traço vil a disposição das escolhas dos outros homens maculando a conceituação de ser homem, também em sua teoria o autor dispõe sobre uma liberdade quase ilimitada, com parâmetros apenas no exemplo, o que se mostra muito amplo para o que vemos em uma sociedade que se opera pelas engrenagens da consciência coletiva.

Assim, acreditamos que a concepção teórica de Sartre dá uma impressão de liberdade muito mais ampla do que na realidade ocorre, e até pode ser interpretada pelo estudo da sua teoria de maneira diversa, encaixando-se dentro da teoria que explanamos até agora, porém a impressão de liberdade excessiva e conceituação idealizada que a primeira vista transmite ao leitor em um primeiro contato parece ser a mesma que chegou aos críticos de Sartre.

Justificando amplamente as pontuações em oposição que recebeu, no entanto, este é um engano somente inicial, basta pôr a obra do autor sobre a adequada perspectiva para entendermos a limitação da liberdade que Sartre se refere e a melhor forma de ver sua teorização nos utilizando, por óbvio, de diversos outros ensinamentos de autores que o circundam, como os que apresentamos até então, isso fará com que o ângulo de visão sobre o teórico se altere de maneira que a primeira impressão tida seja facilmente superada para dar vazão a melhor vista do pensador, assim como veremos a seguir.

4.2. VENDO SARTRE SOB CORRETA PESPECTIVA

Deste modo, de extrema importância pôr a teoria Sartriana sob perspectiva, relacionando-a com todos os conhecimentos apresentados até o momento. Quando falamos do ciclo de poder estabelecemos que tudo pode ser construído, pois quando inserido em consciência coletiva a ser transmitida e ensinada acaba por influenciar sobremaneira a visão de mundo de uma sociedade.

Pontuamos ainda que esse poder é exercido por homens para homens, no entanto, esses indivíduos no poder acabam rompendo com sua visão inicial altruísta e usando como pretexto essa sua função para ter ainda mais poder, ou seja, disseminar regras que lhe sejam de interesse, alienar os homens e assim mantê-los coesos usando-os como massa de manobra para os mais diversos objetivos, seja um projeto político, a ascensão de um conceito, a ampliação de uma empresa, a criminalização de uma conduta, a aceitação de outra como dentro da normalidade entre outras coisas.

Ainda, falamos que o modo de desprender-se dessa manipulação é formar um grupo suficientemente forte para ascender ao poder, ganhando em luta no *campus* essa posição e então mudando a consciência coletiva.

Sartre fala sobre a liberdade de autodeterminação do homem, porém isto tem de ser posto em correta perspectiva, é fato que o homem pode se educar, e este inclusive é o modo para que ele se desprenda da manipulação, todos podem buscar acumular capitais diversos, o cultural, o social e até o econômico, esta é a liberdade que possuímos, mas enquanto não buscamos essa liberdade estamos condicionados a consciência coletiva, passada pela teia social e pelas instituições, sempre primeiramente pela imitação em família.

O ser humano também pode ser dito como estando sempre no poder e determinando a construção do que é o ser humano pelo fato de que a figura central no poder, o grupo que detém o *campus* e, portanto, determina a consciência coletiva é composta por seres humanos, do mesmo modo que os desprendidos escolhem agir segundo as suas regras desprendidas, ou seja, por sua ética que poderá, se eles assumirem o poder no *campus*, se tornar a nova moral ou até desconstruir a moral. Desta maneira, o empoderamento do homem é correto, mas faltou a interpretação da teoria de Sartre o restante do pacote de conhecimentos que aqui adicionamos a reflexão e a discussão.

Portanto, cremos que a liberdade ampla a que se refere Sartre se relaciona mais a questão da possibilidade da busca dos acúmulos de capitais, e principalmente as escolhas que pode fazer o homem que tem sucesso em desprender-se da massa. Nesse sentido diz Sartre:

Nossa liberdade hoje não é nada mais que a livre escolha de lutar para nos tornarmos livres. E o aspecto paradoxal desta fórmula exprime simplesmente o paradoxo de nossa condição histórica. Não se trata de enjaular meus contemporâneos: eles já estão na jaula¹⁶

Assim o homem que está livre da sina da repetição tem grande poder e grande responsabilidade, conhecendo o modo como se opera o sistema ele pode e deve modifica-lo, mas a questão é se ele o fará, qual será a ética que pautará a nova moral, uma ética que é tentada a voltar a fazer com que a liberdade alheia se submeta ao poder ou uma ética de libertação para todos? Esta será a escolha determinante do novo líder para que a teoria de Sartre saia totalmente do ideal para uma ampla realidade de liberdade do homem.

4.3. A ÉTICA E A IMPORTÂNCIA DAS ESCOLHAS DO NOVO LÍDER

Como novo detentor do poder o líder do grupo que ascendeu tem escolhas a fazer, e a mais importante é manter a repetição a que foi submetido anteriormente e da qual conseguiu se desprender mantendo a liberdade para si e seus seguidores mais próximo, ou ampliando está liberdade a todos, e rompendo com o ciclo de poder, dando liberdade ao homem e de fato fazendo todos responsáveis por todos, em um grau além da fiscalização da coesão como ocorria e vem explanado na teoria de Foucault sobre o Panóptico e os Corpos Dóceis - Qual seja a fiscalização e apontamento dos desprendidos para que estes não escapem, e o líder que vige possa corrigir a má implementação de consciência coletiva naqueles que demonstrem qualquer tipo de tendência a romper com a coesão, utilizando inclusive a teia social para isso, porque a consciência coletiva está tão inserida na grande parte da população que aqueles que estão ao redor de qualquer um que poderia se libertar o apontará a menor manifestação dessa capacidade -, mas em total

¹⁶ SARTRE, Jean-Paul. **Situações**. Gallimard, 1967. Pg. 109

coerência com o teorizado por Sartre, ou seja, fazendo o homem individualmente responsável por si e por todos em suas atitudes.

A ética nada mais é do que o agir do indivíduo pautando-se pela moral mas aplicando-se a situações práticas, ocorre que quando há o desprendimento da massa o sujeito passa a reger-se por uma ética diferenciada, pois não tem mais a visão igual a de todos a respeito da moral, por essa razão o seu agir difere do que amplamente se vê como ético, isto porque a moral daquele que se desprende já tem uma modificação em relação ao geral, pela sua capacidade de concordar e discordar, pela sua liberdade de agir com sua ética diferenciada.

Entendendo isso, o novo líder pode então escolher dentre diversos elementos qual será a moral que passará a viger, qual sistema de educação será aplicado, pois a educação é o cerne dessa dialética que compreende a mudança de poder, a moral, os capitais e etc.

É esperado na troca de poder que um dos novos líderes se atente aos ideias trazidos em Kant e Sartre, e que a partir disso desconstrua a moral dando liberdade ao homem, mas principalmente que mude o modo operante da educação para que a dogmática deixe de ser regra para finalmente o humanismo imperar como sistema.

Essa mudança também é essencial porque não se desprende todos de uma hora para a outra, e a liberdade total do dia pra noite assusta, assim é necessário que a liberdade e a responsabilidade seja ensinada usando os mesmos instrumentos que se usava para dominação, aprender a ser livre é um exercício para que a liberdade seja exercida com responsabilidade, visando de fato o bem e não usando o homem como meio mas como fim, pautando as suas atitudes na objetivação da melhora para todos, tendo plena consciência da importância e influência de todas as atitudes que tomamos em relação ao outro exatamente como ensinou Jean-Paul Sartre em sua teoria e visão sobre autoconstrução do homem pelo homem e seu humanismo que põem no centro de tudo o ser mais um ser responsável e consciente.

5. EDUCAÇÃO DOGMÁTICA VS. EDUCAÇÃO HUMANISTA

Falar sobre Educação Dogmática e Humanista é praticamente resumir o que trouxemos ao foco até então, ou seja, é contrapor dois sistemas, o que existe e vem se perpetuando até agora, e o que desejamos e lutamos para que um líder implemente como regra geral trazendo pôr fim a educação libertária para todos.

Vemos a educação dogmática como pertencente a corrente atualmente vigente, e a educação humanista, na mesma linha de Sartre, como uma educação que ainda luta para chegar ao poder, uma educação que pertence a um grupo que vem em formação a muito tempo dentre diversos que conseguiram se desprender mas que ainda não encontrou espaço para ser aplicada por um líder, pelo simples fato de que a tentação do poder faz com que os que ali chegaram cedam ao egoísmo e continuem monopolizando a liberdade. A realidade é que a aplicação deste novo modelo de educação exige altruísmo de alguém que acabou de atingir um poder de grandes proporções para romper com o antigo sistema.

Assim, passemos ao estudo dessas duas correntes de educação:

Na visão de alguns teóricos a diferença entre essas duas correntes está somente na ordem das coisas. Segundo estes a educação dogmática busca a razão como verdade, acreditando que com a obtenção desta encontra-se a liberdade. Já a educação humanista acredita que é necessário romper com as verdades impostas para então chegar a liberdade, e que a tendo, a verdade virá como consequência desta busca.

Nesta mesma visão de pensamentos temos aqueles que relacionam as críticas da educação dogmática com as teorias de Foucault enquadrando esta em um discurso do poder, enquanto a educação humanista seria o rompimento com esta, os mesmos educadores ainda dizem existir um modo de conjugar ambas as correntes e que isso é feito em muitos países, pois nestas nações cada tipo de professor ocupa um lugar na evolução da instrução do ser humano, qual seja, os dogmáticos no início do período educacional, e os humanistas no ensino superior.

Isto, dizem, ocorre da citada maneira porque a sociedade espera que seus filhos sejam inicialmente educados com os padrões aceitos, que recebam aquilo que é considerado de maneira geral como correto para que tenham uma base sólida de conhecimento comum do meio em que estão inseridos, que recebam a educação tradicional em primeiro lugar pois isso os fará capaz de calcular como se espera,

escrever corretamente, e manter-se dentro das regras sociais direcionada para o que é considerado bom, vivendo harmonicamente com o restante da sociedade.

Em outras palavras, na visão de alguns educadores os pais esperam que primeiro o filho seja educado dentro da consciência coletiva, para saber agir normalmente em meio à massa.

Assim, quando chegam ao nível superior encontram professores mais liberais que os ensinarão a respeito de sua capacidade de construir-se a si mesmos, de tomar conhecimento dos funcionamentos sociais, de critica-los, mas tudo isso com uma base que os manterá em um rumo aceitável na maior parte das vezes, pois anteriormente se construiu o pertencimento, a socialização do ser humano e quando há a maturidade o suficiente com pontuadas bases solidas, então será adequado formar a individualização.

No entanto, temos outra concepção a respeito do que seria uma educação de encontro com o que é dito a respeito da educação dogmática e da educação humanista e o que de fato seria uma educação adequada.

Não há dúvida de que conhecimentos básicos são essenciais para nossa formação de vida. Saber escrever, calcular e ter noções de como a sociedade funciona é importante, pois embora exista em tudo que é passado pelas instituições escolares uma determinação vinda daqueles que detém o poder isso não significa que não haja entre o que é difundido coisas úteis independentemente da dogmática inserida no sistema geral.

No entanto, o que deve ser analisado como oriundo do discurso do poder não é exatamente o ensino da escrita ou da matemática, mas o tipo de crítica que somos direcionados a ter. Não é verdade que não exista ensino crítico no dogmatismo, há, em verdade, escolas que se dizem liberais, mas não o são, porque mesmo fazendo o aluno pensar sobre uma crítica, a instituição só adota tal prática a fim de direcionar o pensamento de seus estudantes para uma resposta que deseja seja inserida, ou seja, manipula-se do mesmo modo sob um véu de liberdade, permitindo a crítica, mas dando resposta pronta a ela e fazendo o estudante acreditar que chegou nela por si mesmo, legitimando ainda mais a inserção da consciência coletiva pelo sentimento da conclusão ser oriunda do próprio pensamento individual, o que não o é. O peso que se dá a certos ensinamentos e visões, principalmente políticas e históricas, que acabam, isto sim modelando o ser humano em relação a sociedade, é que devem receber maior atenção.

O dogmatismo, ou discurso do poder, com a afirmação da verdade ou o direcionamento a uma verdade intencional, não está no ensino escolar das operações matemáticas, ou nas regras gramaticais, ou nos relevos, mas no incentivo a competitividade, ao vínculo feito entre conhecimento e resultado, na imparcialidade como certos conhecimentos são passados, muitas vezes de forma não intencional, isto é o que limita e condiciona o ser humano, as regras que podam a criatividade, a iniciativa que pode incomodar as ideias insurgentes, a organização destoante do que é esperado socialmente.

Não se trata aqui de ensinar a ser correto em relação a um hiperativo categórico, lembrando de Kelsen, mas de ser condicionado a sistemas econômicos por exemplo, a falta de solidariedade em nome do destaque, o discurso do poder na educação está no que fazem com que pensemos que é bom e mal, no que é correto e eficaz para que sejamos o que a sociedade espera, é o condicionamento a pensarmos que o não enquadramento fará ser colocado a margem, e é a reprodução desses ensinamentos através de gerações que são capazes de proporcionar a manutenção de um poder dominante.

Ao contrário do que se pensa o individualismo do que chamam de educação humanista pode conviver perfeitamente com o ensino da gramática e dos fatos, é necessário que ele exista desde a tenra infância para que desde desse período haja a consciência de que podemos nos construir em vez de sermos construídos, isto pôr o conhecimento tardio desse fato leva a diversas e graves frustrações, pois tomamos conhecimentos de várias coisas que desejávamos adquirir para a nossa gama de conhecimento e que não foi feito, por estarmos condicionados a um caminho pré-estabelecido que nos impedia de tomar total consciência até da nossa própria e verdadeira vontade.

O bem da verdade, o individualismo também está presente na educação dogmática, mas este de um tipo negativo já que incentiva a competitividade e o egoísmo que vemos irradiado na sociedade atual.

Não há o que temer, no entanto, quanto ao individualismo da educação humanista, como chamam alguns, que a nosso ver deveria ser nomeada educação libertadora, pois este torna o ser humano capaz de mais cedo buscar sua identidade, seus interesses e seu próprio pensamento crítico, com diversas conexões entre vários assuntos que vierem a fazer parte de seu leque de aprendizado.

Ao contrário do que discutem alguns pensadores a educação e o dogmatismo incidido sobre ela não está somente nas instituições mas em todo um sistema social de reprodução de conceitos, onde a escola cumpre papel importante mas não isolado, como vemos na teoria de Foucault e diversos outros pensadores uma das melhores formas de coerção é um vigilância constante por parte dos outros membros da sociedade, por essa razão o poder na escola o costume de observar a vida do outro, comparar-se, competir, afinal se todos estivessem mais preocupados com a própria construção de sabedoria ao invés de quem está com a razão e portanto tem destaque, não haveria o elemento gatilho que proporciona o controle social tão intenso sobre cada membro da sociedade.

O poder conta com esse tipo de atitude incentivado e implementada na família, na mídia e principalmente na escola, pois esta tem a capacidade de acesso e molde a primeira infância, para conseguir manter a coerção social.

A saída deste condicionamento, não está, em nossa visão, em uma educação institucionalizada, mas naquilo que podemos construir com nossa procura por conhecimento no que seria uma educação informal, ou seja, nosso contato com leituras, exposições, filmes, além de diversos conteúdos de instrução que podemos encontrar na internet. Em outras palavras, a educação da liberdade é a que buscamos, segundo nossos interesses e objetivos.

As instituições, sendo elas referentes ao nível básico ou ao ensino superior são todas dogmáticas em certo nível. O fato de professores da primeira idade serem mais rígidos ou liberais assim como aqueles do nível superior serem de um jeito ou outro não tirarão o dogmatismo, ou o discurso de poder do conhecimento que passam, isso porque a dogmática do sistema, a consciência coletiva e seus mandos, estão além do professor, mas inseridas na instituição. O poder de mudança do professor é grande, mas não maior que o da instituição que remunera para ele manter sua sobrevivência. Só haverá um outro papel para as instituições, esse que se alinhe com uma educação libertária, humanista, quando houver a quebra do sistema pelo líder no poder central.

Visto tudo isso fica cristalino o alinhamento da educação humanista com os ideias de Sartre e fica obvio que está é a visão de educação a que Sartre concebia de fato quando dizia do poder do ser humano em construir-se e auto educar-se. Tanto que dizia o autor: “Quando, alguma vez, a liberdade irrompe

numa alma humana, os deuses deixam de poder seja o que for contra esse homem”¹⁷.

Ainda, entendendo ambas as correntes é fácil vislumbrar o porquê da grande dificuldade dos novos líderes em fazer uma escolha altruísta, visto que sua convivência com a liberdade vem tarde quando consegue desprender-se da massa, no entanto, passou a maior parte da vida criado com influência da educação dogmática e, deste modo, formado para a competitividade, tem grandes dificuldades em romper com o sistema, pois como disse Sartre: “O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós”¹⁸

Espera-se, que o poder que hoje surge no *campus* crescendo e ganhando força, tendo em seus preceitos o projeto de uma educação libertária, humanista, tome o lugar de poder para que possa romper com a educação dogmática, inovando e trazendo um futuro onde o conhecimento chegue ao sujeito em fase em que seja possível, por tempo que disporá ainda em sua tenra idade, e menor cobrança de tomada de responsabilidade, dedicar-se ao projeto de si mesmo.

¹⁷ SARTRE. Jean-Paul. **Théâtre: Les mouches**. Gallimard, 1947. Pg. 86

¹⁸ MACIEL, Luis Carlos. **Sartre vida e obra**. Editora Paz e Terra, 1986

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe em todas as relações que se possa pensar um elemento mais importante do que a educação, a ela tudo se liga, e por ela tudo pode ser resolvido.

Quando vemos problemas que permeiam nossa sociedade ser objeto de reclamações por parte do povo, sabemos que todos os itens levantados poderiam ser resolvidos amplamente com o investimento maciço e com a atenção verdadeira a um só elemento que é o educar.

Assim, a educação é de extrema importância pra todo o projeto a que se intenta realizar, do menor ao maior, do mais simples ao mais complexo, e por essa razão merecidamente é discutido através das décadas repetidamente.

Aliás, discutir a educação é de extrema importância porque esta deve estar adequada à formação de seres pensantes e capazes de oferecer soluções para a sociedade, e o fato é que a sociedade muda e, do mesmo modo, as necessidades educacionais se modificam, assim a educação deve ser sempre discutida para ser repensada, e para isso é muito adequado o modo filosófico de se refletir e discutir um objeto, porque a partir de toda a conclusão se reinicia o sistema de reflexão o que é de absoluto valor para uma questão que constantemente precisa ser pensada e acompanhada em suas mudanças.

Vivemos hoje sobre uma educação dogmática, onde sob o manto da razão é ensinado conceitos tidos como verdades inquestionáveis e inabaláveis sobre título de ciência, o mais incomodo, no entanto não é o que se ensina nas exatas, pois é mais facilmente aceito, essas ciências, mesmo discordando dos métodos em que são passadas, pois tiram do estudante a capacidade de descoberta e investigação, apenas são apresentadas com as verdades da razão, no entanto, o mais difícil de ser aceito como verdades racionais são os ensinamentos da área de humanas, isso porque se apresentam verdades que tem diversos lados, mas o que se aprende na escola é um corte disso, que é aceito como a única coisa que aconteceu.

Não só as matérias são assim colocadas, mas o chamado politicamente correto também decorre dessa educação dogmática, pois nessa forma de instrução o estudante recebe todos os conceitos amplamente aceitos pela sociedade, ou seja, todos aqueles que são passados em consciência coletiva, inclusive em relação a comportamento, posicionamento em relação as políticas, os acontecimentos

históricos, as questões que podem causar certas polêmicas, as minorias, a natureza humana, dentre outros.

As críticas nesse sistema educacional são ouvidas e repelidas o mais rapidamente possível, assim dá-se a impressão da liberdade, mas essa não existe pois logo se reforçará a consciência coletiva naquele que deu sinais de pensar de modo diverso, isso será feito não só pelos professores mas também pelos colegas que lhe julgarão pelo pensamento em desacordo com aquilo que eles aceitam como verdadeiro. Assim resta ao estudante guardar a opinião para si e nas provas responder de acordo com o que deseja o professor para passar na matéria e evoluir na obrigação acadêmica de formar-se aprendendo conceitos com os quais nem sempre concorda, mas tem que fingir que sim.

Ao aluno angustiado com esse tipo de educação só resta procurar na internet, nos livros, nas relações sociais, na cultura a que tem acesso de modo geral, buscar conhecimento, o outro lado das histórias, principalmente naqueles livros escondidos na livraria, o que não ficam em lugar de destaque por trazerem o politicamente incorreto, por não serem o espelho da consciência coletiva, que ainda são ofertados porque vivemos sobre uma dita democracia que não pode ser deflagradamente desconstruída, mas onde o diverso é abafado, deste modo o estudante poderá acumular conhecimento diferenciado, aprender o que não encontrará na educação dogmática e aumentar o seu desprendimento da massa, embora seja obrigado a manter-se cuidadoso com o que é socialmente aceito pois sofrerá sanções sociais ao menor sinal de opiniões ditas polêmicas no lugar errado, podendo ser taxado como esquisito, ridículo e até ser excluído.

A liberdade nesse sistema que vige hoje, onde temos um detentor de poder que determina as regras para a população sob seu manto de influência só se encontra naqueles que conseguem se desprender minimamente para serem capazes de ter a iniciativa de buscar instruir-se, no entanto, esse sujeito terá além de ter esse mínimo sinal de entendimento do sistema, ainda ter clara ideia de que deve manter-se ao menos na frente dos outros fingindo homogeneidade, isso porque se não o fizer será rapidamente posto sob vigilância e maciça tentativa de reforçar a consciência coletiva que lhe foi inserida, para que ela não dê margem novamente a possibilidade de ser questionada, as pressões sociais em cima da opinião diversa serão grandes, e farão o que tiver ao alcance para que o sujeito mude de ideia achando que aquela opinião anterior era de fato absurda.

No entanto, aquele que acumular capitais diversos e aumentar seu desprendimento terá a oportunidade de criar um grupo suficientemente forte alinhado com suas ideias para combater o que está agora em voga, porém, não importara o mais culto indivíduo sem uma ampla teia social que seja capaz de angariar. Aqui novamente se frisa o fato de o homem ser um ser social, e a importância de suas relações, porque nada adianta extrema força em outros aspectos sem que haja um poder de relacionamento amplo.

A maior parte daqueles que se desprendem e até conhecem profundamente o sistema, tendo capital cultural extremo, falham na parte do capital social, por isso grandes ideias surgem, mas demoram séculos para ascender como uma ameaça séria ao poder estabelecido.

Aqueles que pensam que esse processo é bilateral apenas está enganado, inclusive em um mundo globalizado existem diversos detentores do poder, macro e micro, e um tem influência sobre o outro, tendo aquele que mais influência tem sobre todos, isso depende também do seu poder de ter concordância e imitação daquilo que dispõe globalmente.

E do mesmo modo que há poderes globais há diversos grupos que tentam ascender para ter oportunidade de disputar o poder globalmente, assim não é um processo bilateral, onde há um poder e um grupo que o disputa, existem diversos poderes menores e maiores, com maior e menor influência global, aquilo que chamamos de hegemonia, e também diversos desprendidos tentando angariar seguidores para suas ideias, formando grupos menores e maiores que tentam a oportunidade de lutar pelo lugar central e determinar consciência coletiva, esse é um processo a que muitos nunca completarão principalmente por falta de capital social, já outros realmente ascenderão, parte perderá e alguns ganharão.

Aqueles que ganham o poder no *campus* tem a oportunidade de promover mudanças, de tudo que vige, e é exatamente quando os conceitos mudam em uma sociedade que sabemos que houve uma mudança de poder no *campus*, pois há de se ressaltar que aqueles que ocupam essas posições na maior parte das vezes não são os que visualizamos claramente como posicionados no poder, se engana aquele que ao ler essa teoria crê que aquele a ser combatido é o presidente. A política não é o lugar de onde emana o poder, mas o lugar mais facilmente influenciado pelo poder.

Com essa grande capacidade de promover a mudança o líder do grupo que conseguiu ascender tem em suas mãos uma decisão difícil a tomar, e essa é continuar promovendo a repetição de alienação da população, ou em outras palavras, continuar manipulando a massa, somente com outros conceitos que lhe interessarão que sejam aceitos como o senso comum, ou romper com o ciclo dando ferramentas para que todos possam se construir e instruir na liberdade do conhecimento.

Porém, a maior parte dos líderes que ascendem foram criados sobre um sistema de educação dogmática que privilegia o egoísmo e a competitividade desde a mais tenra infância, afinal no sistema social repetido é importante trabalhar e acumular riquezas, para consumir, para ser considerado útil, para ter status social, e fazer as engrenagens sociais continuarem a se moverem em um sistema econômico capitalista, além disso, essas qualidades são incentivadas para que se mantenha a coesão, porque assim o diferente é sempre apontado para que seja combatido, pois os outros foram ensinados que a diferença não deve ser privilegiada e assim o exclusão daquele será efetiva, pois o egoísmo não fará com que se arrisquem a acompanhá-lo, e por fim é um meio de prevenção do total rompimento do sistema porque quando um novo líder chega ao poder a tentação de poder promover seus próprios interesses a um nível sem precedentes é maior do que o altruísmo de proporcionar liberdade alienar a população é um passo necessário para manter o poder e por essa razão esse líder egoísta não promoverá severas mudanças educacionais.

Visto isso, mesmo que percebamos quando há mudanças no sistema por conta de caírem certos conceitos antes aceitos e subirem outros, e normalmente isso é feito sobre o manto da ciência ou da descoberta histórico, ou mais comumente do politicamente correto, não há promoção de quebras drásticas porque isso só ocorrerá de fato com uma mudança de sistema educacional e opção altruísta pela libertação. Quando temos toda essa exposição, o leitor deve questionar-se mas o que Sartre tem a ver com isso? E é simples a resposta.

Sartre em seu pensamento privilegia o homem e a capacidade que ele tem de autoconstruir-se e a seu conhecimento. O pensador combate o pré-determinismo ferrenhamente, pois em sua visão a existência precede a essência por isso não faria o mínimo sentido que houvesse uma natureza humana, sem que homens existissem

e a tivessem determinado por eles mesmos, assim ele dá extrema liberdade ao homem, que só é limitada por outros homens.

A primeira vista Sartre pode não se encaixar na teoria do ciclo do poder, mas a um olhar mais atento ele se põe perfeitamente na sequência racional dessa teoria, isto porque no ciclo de poder assim como em Sartre o homem limita o homem. Aqueles que exercem o poder são homens, a sociedade é composta por eles, os grupos em posição de vigência no *campus* é composta por eles assim como a massa também é feita por eles, a discordância entre Sartre e essa teoria se assenta somente no fato de que o grupo no poder é que determina mais fortemente os conceitos de homem e os aplicados ao homem, mas todos, inclusive a massa tem poder sobre esse conceito e também sobre a oferta de imitação, visto que quando um homem se desprende ele oferece sua contribuição diversa ao conceito de homem, ao mesmo tempo que oferece aos outros homens uma oferta diferente de imitação, porém aí adicionamos que esses conceitos lutam entre si porque um tenta prevalecer, através de nada menos do que a imitação do maior número de outros homens.

Assim, do mesmo modo que disse Sartre, nesse sistema, mesmo quando o homem não opta ele está optando. E ainda vemos Sartre, mais fortemente, naqueles que se desprendem porque eles em liberdade, de fato, buscam a auto construção dos seus conhecimentos, a ampliação de seus capitais.

Deste modo, o processo de desprender-se está totalmente de acordo com o que diz Sartre quando afirma que o homem existe, se descobre e se determina, pois ele existe dentro de uma sociedade com regras já fixadas, se descobre dentro dela para a liberdade, e se determina ao busca-la de fato e se estabelecer livre da massa. Na mesma esteira que Sartre vem Jung em sua psicopedagogia da educação ao dizer que o homem se educa primeiro na imitação, depois na coletividade e por fim da individualidade.

E nada mais finamente relacionado com o pensamento de Sartre do que a Educação Humanista, por isso vemos Sartre também como aplicável ao ideal que buscamos, que é a ascensão de um líder altruísta que romperá com a repetição, mudará o sistema educacional para uma educação humanista que é a libertária, fazendo com que as regras para tudo não se transformar em desordem estejam na responsabilidade que muito bem expôs Sartre, ou seja, na moral e ética de que cada homem pense em seus atos com consciência de que terá influência no outro, pois se

der um mal passo oferecerá aos próximos a oportunidade de imitar um erro, adicionando ao conceito de homem um traço vil.

A educação humanista a nosso ver é o modo de educar para a liberdade, dando ao jovem o conhecimento de que ele é capaz de buscar conhecimentos que lhe sejam interessantes, que façam sentido para a sua vida, com a consciência que existem diversas ofertas de saber e que o que funciona para cada um não é um padrão, ou seja, não há matérias privilegiadas frente as outras mas somente estudos que se adaptam melhor a cada tipo de pessoa para seu objetivo, ou seja, esse tipo de educação dá ao sujeito a oportunidade de fazer de si mesmo um projeto, e de amar o ato de estudar, porque ao fazê-lo terá plena consciência de que está melhorando a si mesmo para um objetivo que traçou e desejou e que não é algo previamente determinado e dito como correto e bom, mas uma coisa que partiu da sua própria vontade.

Além disso, a educação humanista privilegiará qualidades que formarão um grupo social muito mais puro e altruísta, pois se ressaltará a troca de conhecimentos, a solidariedade, a crença na capacidade individual e coletiva, o autodescobrimento, a pratica dos atos com responsabilidade, o pensamento no grupo além de si mesmo, a vontade de produzir coisas que ajudem o outro e não só produza dinheiro, dentre outras coisas.

Assim, veremos Sartre virar uma realidade e a educação humanista preparar uma geração com maior vocação para ver com maior amplitude o mundo, sabendo que nada está fora do alcance do conhecimento, o homem tudo fazer se buscar o estudo para isso, as capacidades não são limitadas, mas a responsabilidade é um traço fundamental, assim essa nova sociedade se manterá coesa por entender que em grupo tem maior poder, que um poderá de fato proteger o outro, que as relações sociais e de trabalho são importantes ao passo que oferecem maior ajuda de uma pessoa para a outra com uma sociedade educada em liberdade, em capacidade de buscar conhecimentos e principalmente em responsabilidade, sem pré-julgamentos mas pela busca de si mesmo e do melhor para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da Educação**. 2ª edição. Editora Moderna, São Paulo, 1996;

BENTHAM, Jeremy. O Panóptico ou a casa de inspeção. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000;

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005;

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996;

_____. **What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups**. Berkeley Journal of Sociology, n. 32, 1987;

CHARTIER, Roger. **Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes**. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 30 abr. 2002;

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012;

_____. **As regras do método sociológico**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999;

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 29ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004;

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 41ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013;

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 1991;

_____. **A educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007;

FREIRE'S AND ILLICH'S. **Conscientization and Deschooling**. Philadelphia: TheWestminster Pres, 1976;

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. v. 1. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992;

_____. **Princípios da Filosofia do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2000;

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2006;

_____. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Coleção Os pensadores, vol. XIV. Tradução João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974;

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981;

_____. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Rio de Janeiro, Vozes, 10ª ed, 2001;

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2012;

_____. **Crítica da razão prática**. Trad. Afonso Bertagnoli. 4 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005;

_____. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005;

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Porto: Porto, 1995;

_____. KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Tradução Francisco Cock Fontanella. 3ª Ed. Piracicaba, São Paulo: UNIMEP, 2002. Pg 11;

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998;

_____. **Segundo Tratado sobre o Governo Civil e Outros Escritos: Ensaio** sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Trad. Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis: Vozes, 1994;

MACIEL, Luis Carlos. **Sartre vida e obra**. Editora Paz e Terra, 1986;

MAGEE, Bryan. **História da Filosofia**. São Paulo: Loyola, 1999;

MESQUIDA, Peri. O Diálogo de Illich e Freire em Torno da Educação para uma Nova Sociedade. In: Contrapontos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Univali**: Itajaí, Dezembro de 2007;

OZMON, H. A.; CRAVER, S.I M. **Fundamentos filosóficos da educação**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6. ed. São Paulo: Artmed, 2004;

PIAGET, Jean. Os procedimentos da Educação Moral. In: Piaget, Jean. **Cinco estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996;

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **O contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 1989;

RUSS, Jaqueline. Ética e Moral: Definições. In: _____. **O pensamento ético contemporâneo**. Tradução Constança Cesar. São Paulo: Paulus, 1999;

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3^a ed., São Paulo, Nova Cultural, 1987;

_____. **Questão de método**. 3^a ed., São Paulo, Nova Cultural, 1987;

_____. **Situações**. Gallimard, 1967. Pg. 109;

_____. **Théâtre: Les mouches**. Gallimard, 1947;

TWAIN, Mark. In: GEROMEL, Ricardo. **Bilionários: O que eles tem em comum além de nove zeros depois da vírgula?** São Paulo: Leya, 2014;

VISKER, Rudi. **Was Existentialism Truly a Humanism?** Sartre Studies International 13.1 (junho 2007): 3(13). Academic OneFile. Gale. CAPES. 1.2008